

PRODUÇÃO RURAL FAMILIAR NO BRASIL: as Comunidades de Firmeza e Taquaral - Orizona (GO)

LEMES, Kátia da Costa

Geógrafa, Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia–Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (NEPSA).
E-mail: katecosta20@yahoo.com.br

MENDES, Estevane de Paula Pontes

Professora Doutora Estevane de Paula Pontes Mendes, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (NEPSA).

E-mail: iemendes@ibest.com.br

LEMES, Carla da Costa

Graduanda em Geografia-Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Pires do Rio.
E-mail: carla.dacostalesmes@gmail.com.br

Resumo: O processo de modernização na agricultura brasileira provocou profundas mudanças na produção e organização do espaço geográfico, resultando na constituição de novos (re) arranjos sócio-espaciais, mudanças nas relações sociais de trabalho e no próprio universo rural. No presente trabalho propõe-se analisar a dinâmica da modernização da agricultura, com ênfase as transformações ocorridas, a partir da década de 1980, em Orizona (GO), de modo a analisar a produção rural familiar frente a isso. O estudo desta temática ocorreu pelo interesse em averiguar como o processo de modernização se instaurou no campo e quais foram as principais transformações geradas por este processo. A relevância deste estudo foca-se na preocupação em discutir as profundas transformações pelas quais o município de Orizona (GO), vem passando, nos últimos anos, em decorrência do processo de modernização da agricultura. A pesquisa foi realizada por meio da revisão da literatura pertinente à temática, levantamento, sistematização, análise e representação de dados e informações de fontes primárias e secundárias e, também, através da pesquisa empírica. É importante ressaltar que, mesmo diante desse processo, persistem pequenas unidades de produção, estruturadas no trabalho familiar, onde prevalecem o uso de técnicas tradicionais de cultivo e um modo de vida peculiar, com dificuldades de acesso aos financiamentos pela formação educacional dos produtores e pelas questões sócio-culturais.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Comunidades rurais. Orizona (GO). Taquaral. Firmeza.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho consiste em analisar as transformações ocorridas na agricultura familiar diante da consolidação da modernização agrícola, dando ênfase as

comunidades de Firmeza e Taquaral, município de Orizona (GO). O interesse na realização dessa, parte do pressuposto de estudar as comunidades orizonenses com o intuito de obter maiores conhecimentos geográficos sobre cultura, formas de organização e trabalho, a relação com a terra, as formas de produção entre outras informações.

Para a produção desta pesquisa foram utilizadas as seguintes metodologias: revisão bibliográfica, fazendo reflexões à cerca de conceitos e teorias de temas relacionados com o propósito da pesquisa; pesquisa documental em arquivos públicos (Prefeitura e Cartórios), com particulares (empresas e produtores) e dados no Instituto Brasileiro de Geografia - IBGE e Secretaria do Planejamento do Estado de Goiás - SEPLAN para obter dados sobre a população, produção agropecuária, estrutura fundiária de Orizona (GO), entre outras informações pertinentes à elaboração da pesquisa. Posteriormente ao levantamento de dados, fez-se as análises e a sistematização dos mesmos.

O estudo foi desenvolvido, primeiramente, abordando os aspectos teóricos da agricultura familiar e seu contexto em Orizona (GO). Em seguida foi analisado o processo da modernização da agricultura brasileira, o desenvolvimento agrícola do Centro-Oeste e do Estado de Goiás. Foram abordados, também, o processo de modernização agrícola em Orizona (GO) e as mudanças na estrutura de produção do município, que ocasionaram transformações socioeconômicas e culturais, acabando por afetar a produção rural familiar em todo o município orizonense, principalmente nas comunidades rurais de Firmeza e Taquaral.

2 MUNICÍPIO DE ORIZONA (GO): principais considerações

O município de Orizona (GO), como mostra a figura 1, está localizado na região Centro-Oeste do Brasil e na região Sudeste do Estado de Goiás. Possui uma área de 1.972,865km² (SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento, 2007) representando 0,34% da área total do Estado. Apresenta uma altitude média de 806 m, a latitude de 17°01'53" a 17°20'00" Sul e longitude de 48°17'45" a 48°20'00" Oeste. Localiza-se na microrregião de Pires do Rio, fazendo divisa com os municípios de: Luziânia (Nordeste), Silvânia (Norte), Vianópolis (Noroeste), Pires do Rio (Sudoeste), Ipameri (Sudeste) e Urutaí (Sul).

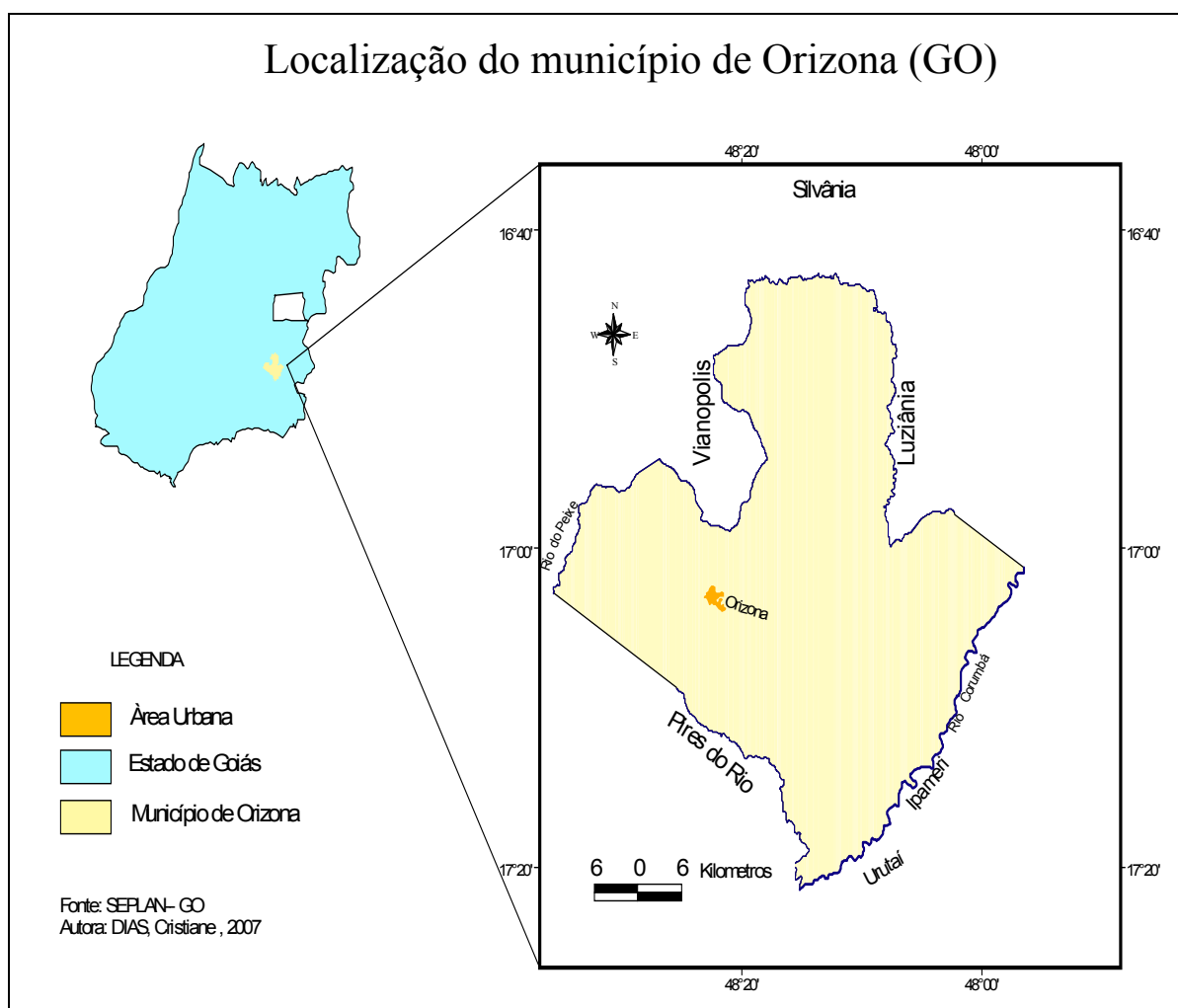


Figura 1: Localização do município de Orizona (GO).

Fonte: Seplan, 2007. Org: DIAS, Cristiane. 2007.

Segundo a Secretaria do Estado de Goiás - SEPLAN (2007), a população de Orizona, no ano de 2006, era de 13.508 habitantes e a estimativa, no ano de 2007, são de 6.696 habitantes na população urbana e a rural de 6.812 habitantes, o que proporciona uma densidade demográfica de 6 hab/ km² enquanto a média do estado é de 14 hab/ km².

É uma das poucos municípios de Goiás que possuem população rural maior que a urbana. Outro fator positivo e bastante curioso presente neste município é a população extremamente jovem. Mais de 2/3 de seus habitantes tem menos de 40 anos.

Desde sua origem até os dias atuais, o município de Orizona, tem no setor agropecuário um elemento de grande representatividade. Situando-se em uma região de Cerrado, a atividade agropecuária sempre se fez presente no município conjuntamente a prática da agricultura. É importante ressaltar que o processo de ocupação do município de Orizona foi marcado por um processo natural de reforma agrária, onde as terras eram divididas ao longo de gerações entre familiares. Hoje o município abriga uma grande quantidade de agricultores familiares em seu território.

A produção rural do município, realizada por esses agricultores familiares em suas pequenas propriedades é bastante diversificada, com destaque para: arroz, feijão, mandioca, soja, milho, café, tomate, cana-de-açúcar, cachaça, gado bovino (leite e corte) dentre outros. O município de Orizona possui, também, na indústria incipiente nos ramos da agroindústria e manufaturados. No entanto, pode-se dizer que o carro chefe da economia desse município é a pecuária leiteira. Um outro fator é a quantidade de povoados existentes no município. No total somam-se cinco povoados (Cachoeira, Corumbajuba, Buritizinho, Montes Claros, e Taquaral) um aglomerado rural (Firmeza) e um Distrito (Ubatã).

3 MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA: transformações na produção agrícola

Com o processo de modernização das atividades agropecuárias, o campo passou a exercer atividades não propriamente urbanas, mas atividades e elementos que criaram uma nova dinâmica de funcionamento. A agricultura passou, com isso, a depender menos das condições naturais. Nesse sentido, as relações sociais também foram transformadas, pois a dinâmica produzida a partir da modernização da agricultura (re) faz um novo uso do território, trazendo novos modos de divisão do trabalho, bem como desigualdades econômicas e sociais.

A modernização da agricultura é um fenômeno que se fez presente no Brasil desde o pós-guerra (1950), com a utilização de equipamentos mecânicos e produtos da indústria química. No entanto, somente a partir da década de 1970, em razão da instalação de empresas produtoras destes bens materiais no país, é que a “industrialização da agricultura” difundiu-se, e as atividades agropecuárias passaram a constituir ramos de produção semelhantes aos da indústria. Porém, é válido ressaltar que as transformações nas atividades agrícolas não foram consolidadas uniformemente por todas as regiões do país, abrangeram primeiramente as regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Na região Centro-Oeste, a consolidação do processo de modernização da agricultura ocorreu após a década de 1970. Sua sustentação foi elaborada sob o poder do Estado, valendo-se de políticas de financiamentos a juros subsidiados, intensificadas com a criação de Sistemas de Créditos Rurais. A região centro-oeste foi alvo central de programas de ocupação econômica do Cerrado, tais como: o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO) e o Programa Cooperativo Nipo-Brasileiro (PRODECER) para o desenvolvimento do cerrado. Diversas linhas de créditos foram abertas com o objetivo de criar infra-estrutura necessária para fomentar o interesse dos empresários rurais pelo Cerrado. O Estado foi o agente financiador para a instalação destas infra-estruturas e para a aquisição do pacote tecnológico, agindo como agente do espaço, implantando elementos técnicos, político-administrativos, com a finalidade de integrar o Cerrado às novas exigências do padrão de acumulação de capitais. (INOCÊNCIO, 2006).

Assim como no Brasil, no Centro-Oeste a modernização agrícola também não foi homogênea. Em Goiás, as regiões Sudeste e Sudoeste foram às pioneiras, em razão da topografia plana (com os chamados chapadões), abundância hídrica e de uma infraestrutura mais adequada, incluindo-se estradas e meios de transportes, além da organização política e econômica das áreas. Dessa forma, os municípios compreendidos nestas áreas foram transformados pelas relações de produção do capital agrário, onde novos sistemas de objetos e ações foram estabelecidos na cidade e no campo. Com a intensificação desse processo, os circuitos espaciais de produção deram novo “perfil”

aos municípios. Orizona (GO) foi um destes municípios transformados pelo conjunto de técnicas e ações determinadas pelo processo de modernização da agricultura, resultando na substituição de vegetação nativa e áreas de agricultura tradicional pelas grandes lavouras de monocultura.

É importante ressaltar que o processo de modernização da agricultura só foi efetivado no município de Orizona (GO) na década de 1980, sendo associado, principalmente, à topografia plana¹ e à abundância dos recursos hídricos, aliados ao baixo preço das terras (na época), em detrimento às terras de origem dos produtores. Produtores sulistas e paulistas configuraram a inserção de um novo processo produtivo em Orizona (GO), com a implantação e consolidação da agricultura empresarial moderna.

Até a década de 1980, o município cultivava, principalmente, produtos básicos destinados ao consumo, quase exclusivamente, ao sustento familiar. No entanto, com esse processo em curso, o referido município passou a abrigar grandes lavouras produtoras de milho e soja. Essas mudanças refletiram sobre o modo de vida dos pequenos agricultores rurais, através de sua inserção na sociedade capitalista. A produção para auto-consumo continua a ser, ainda hoje, uma característica marcante, mas houve o aumento da produção excedente de acordo com perfil dos produtores/propriedade e devido ao próprio processo de modernização. Os pequenos produtores de maneira geral sempre tiveram uma produção excedente e/ou prestação de serviço para complementar seus rendimentos e adquirir produtos que não produziam como sal, querosene, remédios e outros. Entretanto, vale ressaltar que anterior a esse processo à circulação de dinheiro não se dava como hoje, o modo de vida era essencialmente diferente. As necessidades eram menores, assim como os recursos financeiros. O município de Orizona (GO), desde sua origem até os dias atuais, tem no setor agropecuário um elemento de grande representatividade, até porque essa é a atividade que sempre sustentou a economia no município. Mesmo situando-se em uma região de Cerrado, com solos ácidos, a atividade agropecuária sempre se fez presente, marcada, inicialmente, pelo uso de técnicas rudimentares de cultivo.

Anterior à década de 1980, o espaço agrário de Orizona (GO) possuía grandes áreas de vegetação nativa do Cerrado e áreas de pastagens naturais. As atividades agrícolas eram praticadas em áreas de pequena extensão, por agricultores familiares. Esses produtores utilizavam relações de trabalho que caracterizavam situações solidárias entre as famílias. O plantio e a colheita das lavouras eram realizados a maioria das vezes por meio de mutirões. As lavouras eram cultivadas em parceria e se plantava o suficiente para o sustento familiar, com uma pequena produção excedente, até mesmo em virtude da “precariedade” dos instrumentos de trabalho e dos recursos técnicos.

Para Souza (2005), a década de 1980 foi o marco do início da chamada “Revolução Verde”, no município de Orizona (GO), em virtude, essencialmente, da chegada dos migrantes do Sudeste e Sul do Brasil, trazendo novas tecnologias para se trabalhar a terra, como o uso intensivo de maquinários e fertilizantes químicos, junto ao cultivo de novas culturas que “exigiam” grandes extensões de terras para serem produzidas. As razões destes migrantes chegarem a Orizona (GO), decorreram, principalmente, dos investimentos públicos e privados no setor, do clima e topografia adequada à mecanização, dos baixos preços da terra, que chegava a ser quatro vezes

¹ Não há predomínio de áreas específicas de chapadões. Estes estão presentes em diversas áreas por todo o município.

mais barata que em suas regiões de origem. Vale ressaltar que esse “pacote tecnológico” da chamada “Revolução Verde”, constituído de um conjunto de técnicas e práticas agrícolas, não pressupunha a redistribuição fundiária, mas ajustava-se aos objetivos da política de industrialização brasileira.

Moreyra (2000), ao retratar o avanço do capitalismo sobre a agricultura tradicional, faz reflexão às alterações provocadas no meio rural, ressaltando que:

Nesse processo de expansão da economia industrial do Centro-Sul, o setor agrário do Centro-Oeste foi peça indispensável, uma vez que o grande capital, ao buscar expandir sua capacidade de produzir lucro, invade o espaço da agricultura tradicional, que até então estava apenas formalmente subordinada à indústria, mas tinha uma relativa autonomia, pois os produtores ainda controlavam o processo produtivo (utilizando técnicas tradicionais), e possuíam os meios de produção. A subordinação real do setor agrário às necessidades de acumulação do capital é feita com a expropriação dos proprietários tradicionais que, gradualmente vão perdendo as condições de competir no mercado, vão sendo expulsos da terra e separados dos meios de produção. (MOREYRA, 2000, p. 50).

Em consequência da modernização agrícola, o espaço agrário de Orizona (GO), assim como o espaço agrário brasileiro, apresentou mudanças, como o aumento da produção, ampliação dos índices de produtividade, inserção de técnicas e insumos modernos, que fizeram com que algumas áreas do município, que eram voltadas para a agricultura tradicional, se tornassem empresas agrícolas. Com isso, as áreas que apresentavam predomínio de vegetação natural, foram, num curto intervalo de tempo, sendo modificadas. Mendes (2001), ao analisar a produção familiar na Comunidade Coqueiro em Catalão (GO), apresenta algumas das várias transformações acentuadas por esse processo de inserção da agricultura moderna, afirmando que:

Vivenciou-se, na década de 1980, com a expansão da soja, bruscas transformações espaciais. As áreas que apresentavam um predomínio de vegetação natural, uma pecuária extensiva foram, num intervalo pequeno de tempo modificadas. [...] As propriedades foram “limpadas” cedendo lugar a uma nova paisagem. As paisagens naturais cederam lugar à formação de pastagens com outras variedades de forrageiras, os solos receberam uma cobertura de calcário. A vegetação de troncos tortuosos cedeu lugar às vastas áreas de monocultura de soja ou a pastagens formadas. (MENDES, 2001, p. 98).

As modificações podem ser percebidas não só no que se refere aos aspectos físicos e econômicos, mas também aos sociais e culturais. A carreta dos carros de boi era não só uma tradição cultural, mas um meio de transporte, utilizado para transportar comida para o gado, utensílios agrícolas, sal e arame, trazidos da cidade de Araguari (MG), que dista cerca de 240km de Orizona (GO). No entanto, a precariedade das estradas e do próprio carro de boi fazia com que a viagem fosse demorada e tumultuada. Com a implantação da ferrovia, as viagens de passeio e o transporte de mercadorias, em geral, passaram a ser realizadas de “trem”, que também caracterizava um meio de

transporte demorado. Com o desenvolvimento dos planos de governo, o sistema ferroviário foi sendo substituído pelas rodovias, que tornaram os meios de transportes mais rápidos e dinâmicos.

Conforme Pereira Neto (2002), que descreve a história do município de Orizona (GO) em sua obra “Orizona em Prosa e Verso”, as modificações podem ser sentidas até mesmo nas manifestações culturais e nas festividades, pois, desde a época da Capela dos Correias (surgimento do município), as cantorias animavam o povo. Rezavam-se terços (Reza típica da religião Católica, composta pelas orações: Credo, Pai-Nosso, Aves Marias, Glória, 1º ao 5º mistério e Salve Rainha (MENDES, 2008) e dançavam-se alguns ritmos, tais como: catira, chique-chique, marchinha mineira, marzuca e samba). Após a missa em devoção a Nossa Senhora da Piedade, atual padroeira da cidade, conjuntos e duplas cantavam durante toda a noite. Mesmo hoje, na cidade e na zona rural são comuns as tradicionais festas religiosas em louvor aos santos, porém essas festividades são recriadas a cada geração.

A partir da década de 1980, essas transformações, promovidas pela agricultura empresarial, possibilitaram uma reestruturação produtiva no município de Orizona (GO), até porque foram expandindo-se, caracterizando um aumento na produtividade do trabalho. Contudo, o crescimento da produtividade e do rendimento das lavouras de soja e milho foram vigoradas, já na década de 1990, permitindo que o município tornasse um dos maiores produtores da região Sudeste de Goiás e até mesmo do próprio estado.

É importante ressaltar que, mesmo com a expansão da modernização agrícola, orientada pelo cultivo da soja no município, produzida, em sua maioria, pelos grandes produtores. Ainda existem produtores, na região, que se dedicam à produção familiar, voltada para o abastecimento das necessidades “domésticas” e para a manutenção da pecuária, constituindo-se numa alternativa dos pequenos produtores em continuar no campo. Dedicando-se a pecuária leiteira, os agricultores familiares são responsáveis pelo crescimento, nos últimos anos, da produtividade de leite, no município, sendo esse uma das maiores bacias leiteiras do Estado de Goiás.

Um outro fator que merece ser destacado refere-se à criação das associações², que constituem em uma outra estratégia. Essas associações cumprem um papel fundamental na reestruturação da agricultura familiar frente sua inserção na sociedade capitalista, uma vez que permite seu fortalecimento e reprodução social. Cultivam produtos necessários ao consumo doméstico e ao consumo animal, como o arroz, o feijão e a mandioca. O restante é vendido na feira do produtor (em Orizona (GO)) *in natura* ou em forma de produtos como o polvilho e a farinha, por exemplo.

O processo de modernização, muito embora, tenha proporcionado no município de Orizona (GO) mudanças de caráter tecnológico e social, é importante destacar que em relação ao êxodo rural, não foram intensas as mudanças, comparadas aos outros municípios goianos, frente ao processo de modernização agrícola. Atualmente, a população rural do referido município representa pouco mais de 50% do total da população, caracterizando uma população de comunidades enraizadas, como é o caso da comunidade Taquaral e Firmeza. Essas comunidades tradicionais, constituídas, na sua maioria, por laços de parentescos, são exemplos de pessoas que, a cada dia, tentam superar as limitações e lançar mão de estratégias para permanecer na terra.

² No município de Orizona (GO) existem aproximadamente 20 associações rurais.

4 AGRICULTURA FAMILIAR EM ORIZONA (GO): a comunidades Taquaral e Firmeza

Na literatura brasileira e mundial, principalmente às pertinentes à geografia, economia e sociologia, existem inúmeras definições e caracterizações de agricultura familiar. Porém, para entender o que é agricultura familiar é necessário entender seu principal elemento, o agricultor familiar.

O agricultor familiar é aquele que é proprietário da terra em que produz e que, normalmente, não vende sua força de trabalho e nem contrata assalariados a seu serviço, vivendo com sua família do que produz.

Nessa estrutura social, a família constitui a unidade social do trabalho e de exploração da propriedade, onde todo o serviço é dividido entre os membros da família, garantindo o sustento dos mesmos.

Romero (1998), ao tratar a produção familiar no mundo globalizado por meio de questionamentos em torno da questão agrária que traz o debate: latifúndio ou agricultura familiar considera que:

[...] o agricultor familiar é proprietário da terra na qual produz. Não vende sua força de trabalho para viver nem tem condições de colocar assalariados a seu serviço, o lhe permitiria um lucro mais significativo [...] e este encontra-se restrito a produzir, comercializar e a investir no mercado agrícola, pois ele e sua família vivem dos produtos da terra. (ROMERO, 1998, p.34).

Já Lamarche (1997), ao discutir agricultura familiar, corrobora com a caracterização de exploração familiar enquanto uma unidade de produção agrícola, cuja propriedade e trabalho são intimamente ligados à família em um processo que cria interdependência entre os três fatores: propriedade, trabalho e família, no sistema de exploração agrícola com força de trabalho da família.

Assim, o agricultor familiar tende a criar mecanismos de sobrevivência à medida que mantém relações socioeconômicas com os vários modos de produção que o cerca. Dessa forma, como menciona Lamarche (1997), a produção familiar possibilita ao agricultor uma lógica própria, e que consegue sobreviver de um sistema produtivo a outro. Porém, o mesmo autor alerta que a especificidade e a heterogeneidade da produção familiar não indicam que ela não seja subordinada a determinações gerais do capital.

Mendes (2001) em sua dissertação sobre a produção familiar em Catalão (GO), com foco na comunidade coqueiro, caracteriza a agricultura familiar como sendo proprietário e produtor que não utiliza mão-de-obra assalariada e sim os membros da família que ajudam na produção e que quase não se usa recursos sofisticados, utilizando-se de recursos sem aperfeiçoamento. Dessa forma:

A agricultura familiar define-se pelo trabalho do homem sobre a terra. Os pequenos proprietários/produtores são responsáveis pelas plantações que cultivam, trabalham direta e pessoalmente a terra com o auxílio de sua família e, ocasionalmente, contratam trabalhadores temporários. O número de trabalhadores empregados depende do

tamanho da propriedade e do produto cultivado. A organização interna dessas unidades de produção caracteriza uma economia doméstica. Em algumas pequenas propriedades assentadas no trabalho familiar, que praticam a horticultura, a floricultura e a fruticultura, principalmente na região Centro-Sul do Brasil, utilizam técnicas modernas de produção (maquinários, produtos químicos e orientação de profissionais qualificados). Mas, a situação predominante na agricultura familiar assenta-se no uso de técnicas rudimentares de cultivo. (MENDES, 2001, p.128).

Assim, a agricultura familiar pode ser caracterizada como grupos sociais com pequenas extensões de terra, onde se utiliza, fundamentalmente, o trabalho da família na execução dos processos produtivos.

É interessante salientar que, historicamente, o desenvolvimento das unidades produtivas rurais, baseadas no trabalho familiar, encontra-se ligado a grande propriedade rural, uma vez que se desenvolveram aliadas a uma estrutura de grande concentração de terras e de mercados, muito embora as políticas agrárias e agrícolas adotadas sempre mantivessem o pequeno produtor às margens desse processo.

Com a crise do petróleo surgiu a necessidade de maior produção de alimentos, o que resultou em investimentos e políticas de incentivo que provocaram grandes transformações na agricultura em função da necessidade de uma grande produção de alimentos. Assim, os pequenos produtores foram excluídos dessa política, resultando em uma estrutura fundiária concentrada.

Diante disso, nos últimos anos, em especial na década de 1990, ocorreu aumento nos estudos acerca da agricultura familiar. Esse aumento encontra-se atribuído a alguns fatores: Problemas relacionados à grande concentração fundiária; Diversidades e diferenciações regionais; Modelo de organização sociopolítico e econômico; Segmentos governamentais comprometidos com interesses dos grandes proprietários, com interesses internacionais e com o fortalecimento dos movimentos dos trabalhadores que lutam pela reconquista da terra.

A partir dessas premissas, os estudos sobre a agricultura familiar buscam compreender a organização e reprodução das unidades produtivas rurais diante das condições históricas, socioeconômicas e culturais.

Entretanto, é importante considerar que o produtor familiar é a “engrenagem” que movimenta a agricultura familiar, pois é através dele que ocorre esse tipo de agricultura. Segundo Wanderley (1997, p. 25), “a agricultura familiar é aquela em que a família assume o trabalho no estabelecimento produtivo ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção”, ou seja, a família quem detém a propriedade e nesta executa as atividades para seu sustento e manutenção das terras com os meios de produção que possuem.

Medeiros (2007, p. 169) classifica que as “unidades de produção familiar são distintas da empresa capitalista típica, pois buscam se reproduzir social e economicamente – considerando o meio físico e sócio-econômico no qual se inserem –, assim como organizar e/ou realizar sua produção por meio da força de trabalho familiar”.

Porém, para a Food and Agriculture Organization (FAO) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a agricultura familiar deve considerar que a administração da propriedade rural seja feita pela própria família, que o trabalho em

sua maioria seja desempenhado pelos membros da família e que os fatores de produção sejam da própria família.

Assim como a FAO e O INCRA, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) considera a agricultura familiar uma forma de produção em que núcleo de decisões, gerência, trabalho e capital são controlados pela família, ressaltando que esta não é pobreza, é o sistema predominante no mundo inteiro. Mas há de se considerar que, com o processo de modernização da agricultura, as formas de agricultura tradicional sofreram muitas transformações.

Vários são os estudos nos diversos campos do conhecimento, tais como da Sociologia, da Economia, da Antropologia e, é claro, da Geografia que têm ressaltado a importância econômica, cultural e política da agricultura familiar não só no Brasil como também no mundo. Alguns estudos como os de Mendras (1978), Abramovay (1992), Lamarche (1993), Wanderley (2000) e Mendes (2005) ressaltam a importância da agricultura familiar na produção dos gêneros alimentícios básicos, que garantem a subsistência e a reprodução da própria família e, também, são responsáveis por abastecer os mercados populares a preços acessíveis, além de contribuir na geração de emprego e de renda no meio rural. Além dessa especificidade econômica, os agricultores familiares guardam aspectos culturais que lhes são próprios, repassados de gerações em gerações, fazendo com que essas unidades produtivas sejam territórios de vida e de reprodução da família.

4.1 AS COMUNIDADES TAQUARAL E FIRMEZA

A comunidade rural Taquaral encontra-se localizada no noroeste do município de Orizona (GO) (como demonstra a parte delimitada em vermelho na figura 1), distando cerca de 12km da sede municipal. A vida social local é construída pelos produtores familiares, que habitam a região, com relações de convivência reforçadas pelos laços de amizade, de vizinhança, de parentesco e de organização entre eles, que são, também, estímulos para a permanência no campo. Os produtores rurais desta comunidade possuem em torno de cinco a vinte hectares de terras, onde cultivam arroz, feijão, mandioca, milho e cana-de-açúcar, utilizados para o sustento familiar e para alimentar o gado.

Já a comunidade rural Firmeza (Indicada na figura 1 pela parte delimitada em preto) dista da sede municipal aproximadamente 25km, localizando-se, também, ao noroeste do município orizonense. Esta comunidade é constituída de cerca de 80 famílias, sendo que a maioria destas faz parte da Associação dos Pequenos Agricultores de Firmeza (APAF), que tem como maior objetivo obter melhores condições de sobrevivência para os produtores rurais da região junto aos programas de assistência municipais e estaduais. Os produtores rurais da comunidade Firmeza possuem, em média, de cinco a oito alqueires de terras, onde cultivam, também, arroz, feijão, mandioca, milho e cana-de-açúcar, utilizados para o sustento familiar e para alimentar o gado.

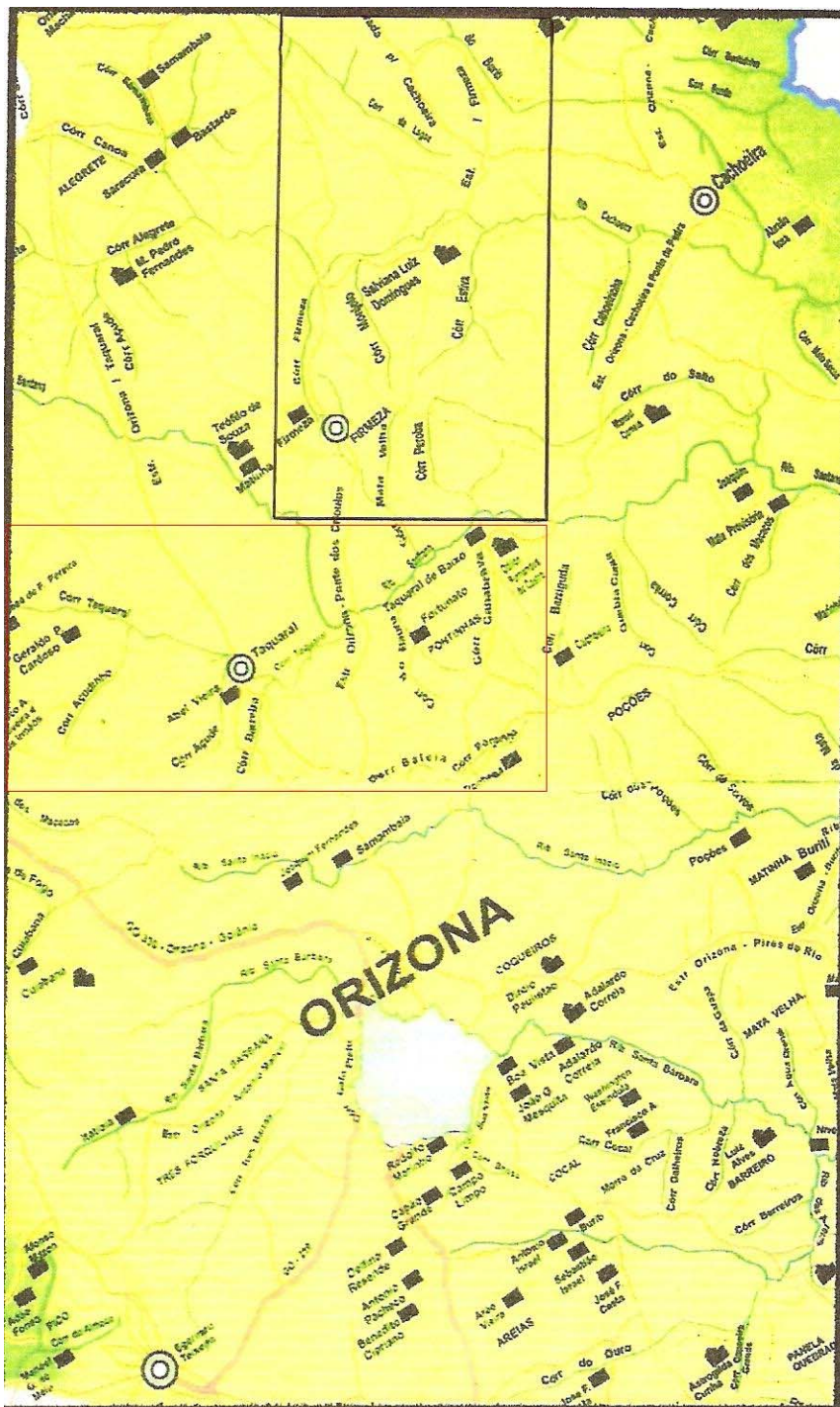


FIGURA 1: Localização das comunidades Taquaral e Firmeza
 FONTE: Prefeitura Municipal de Orizona (GO), 2005.

A maioria dos produtores rurais destas duas comunidades têm, paralelo aos cultivos agrícolas, pequenas criações de aves e suínos, além de se dedicarem a pecuária leiteira. Grande parte da produção é para o consumo familiar e manutenção da propriedade, mas se da ocasião de excedentes, esses são comercializados na Feira do Pequeno Produtor Rural, realizada aos domingos na cidade de Orizona (GO). A pecuária leiteira tem sido para os produtores dessas comunidades como uma estratégia de permanência em suas propriedades. Em verdade, a maioria dos produtores optaram

pela especialização da produção leiteira na tentativa de manter a propriedade, mantendo a produção agrícola enquanto elemento de subsistência. Embora a atividade leiteira seja exercida com destino maior ao comércio, as técnicas utilizadas não são muito sofisticadas e a base do trabalho é familiar. Praticamente não se utiliza trabalho contratado, é a própria família quem cuida das tarefas da propriedade, inclusive à leiteira.

As técnicas de cultivo utilizadas são simples. Como se planta, normalmente, pequenas áreas de cada cultivo, o solo é preparado com arado ou gradeado simples. A manutenção das plantações é realizada pelo produtor diariamente e manualmente. Pouco se utiliza de agrotóxicos, em razão dos altos preços em relação ao tamanho da propriedade. Quanto a produção leiteira, utiliza-se um pouco mais de técnicas, embora não tão sofisticadas como já se tem no mercado especializado, mas as mínimas exigidas pelo mercado leiteiro. Para a tiragem do leite se utiliza a ordenha mecânica e para o armazenamento deste é utilizado o “tanque de expansão”, onde na maioria dos casos este é utilizado na modalidade comunitária, uma vez que os produtores vizinhos armazenam o leite no mesmo tanque até que o caminhão do laticínio busque. Ambos os equipamentos são financiados pelos laticínios onde a produção é comercializada. Para esses produtores rurais, a produção de leite não funciona diretamente como forma de garantia de grandes obtensões de lucros, ao contrário, tornaram-se estratégia que permite uma renda mensal, a qual possibilita o pagamento de despesas mensais da propriedade e auxílio na sobrevivência familiar. A renda advinda dessa atividade assegura a reprodução da família e também da propriedade.

5 CONSIDERAÇÕES

Verificou-se que Orizona (GO) é uma das peculiaridades no Estado, uma vez que, embora tenha sofrido transformações bruscas com a inserção e consolidação do processo de modernização da agricultura, ainda possui estrutura fundiária menos concentrada do que os demais municípios goianos, tendo uma presença marcante da agricultura familiar na região. A partir dessa contextualização, foi realizado o estudo das modificações da agricultura familiar nestas comunidades rurais, traçando o perfil dos produtores rurais familiares e analisando as estratégias que asseguram sua permanência na terra, com destaque à produção de leite.

Nessas comunidades, verificou-se a substituição da diversificação da produção pela especialização, principalmente, da pecuária leiteira, havendo a intensificação do uso de novas técnicas para aumentar a produtividade, até porque, o próprio mercado exigiu a adequação tecnológica. Existem nestas duas comunidades, cerca de oitenta famílias, que possuem, em média, de cinco a oito pessoas cada. A atividade leiteira é a principal atividade econômica responsável pela permanência da grande maioria desses produtores nas comunidades rurais.

Nestas propriedades, as famílias produzem a maioria dos itens necessários a sobrevivência, como: arroz, feijão, milho, mandioca entre outros. Os excedentes, quando existem, são comercializados na feira de domingo na cidade de Orizona (GO). Com esta renda que arrecadam da venda dos excedentes compram os demais produtos de que necessitam. Para a complementação das despesas são criados alguns animais, como suínos e galináceos. Quanto à pecuária, estes pequenos produtores dedicam-se à

atividade leiteira como estratégia para permanecer em suas propriedades, uma vez que esta é que mantem os maiores gastos da propriedade. O lucro proveniente desta atividade pecuária quase inexistente já que o valor recebido apenas custeia a produção e mantem alguns gastos essenciais da propriedade.

Além disso, acrescenta-se o baixo preço do leite em relação ao alto custo da produção. No que tange ao uso de técnicas e/ou tecnologias de produção, apresenta-se uma análise do uso destas na agricultura moderna e na agricultura familiar, o que possibilita verificar que estas encontram-se diferentemente distribuídas. Enquanto que, na agricultura moderna, com a produção de monoculturas como a soja e o milho, a produção se dá por meio do uso intensivo das altas tecnologias, na produção rural familiar isto muda de figura.

A produção ocorre com uso de técnicas mais tradicionais, onde a pequena produção agrícola é produzida quase que manualmente, já que se utilizam apenas as técnicas que possuem já algum tempo. Na produção do leite, já tem-se um maior uso das técnicas, até mesmo em razão das exigências do mercado, que exige uma adequação, por parte desses pequenos produtores, a um certo padrão de produção. Assim, os lucros advindos dessa produção são revestidos na melhoria das condições da atividade leiteira e para a própria sobrevivência diária desses produtores rurais.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1998. p. 12 –18.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. Agricultura familiar e capitalismo no campo. In: STÉDILE, J. P. **A questão agrária hoje**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 28-45.

AGUIAR, R. C. A modernização desigual da agricultura. In: _____. **Abrindo o pacote tecnológico**: Estado e pesquisa agropecuária no Brasil. São Paulo: Polis, Brasília: CNPq, 1986, p. 76-116.

BEZERRA, L. M. C. **Agricultor familiar em Orizona (GO)**: a associação dos pequenos agricultores da Mata Velha, Água Grande e Coqueiros – APAMAC. 2003. 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

BRAGA, M. L. S. As políticas desenvolvimentistas e ambientais brasileiras e seus impactos na região dos Cerrados. In: DUARTE, L. M. G; BRAGA, M. L. de S. (Org.). **Tristes Cerrados**: sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 15, 1998. v. 1.

BRUM, A. J. A revolução verde. In: _____. **Modernização da agricultura**: trigo e soja. Petrópolis: Vozes, Ijuí: FIDENE, 1987. p. 44-50.

CALAÇA, M. Transformações do espaço agrário no Cerrado: infra-estrutura e modernização da agricultura. In: **ANAIS DO VII EREGEO - Encontro Regional de Geografia/Centro-oeste**. Quirinópolis: UEG, 2001. p. 50-52

CAUME, D. J. **A agricultura familiar no estado de Goiás**. Goiânia: UFG, 1997. p.13-15.

- DELGADO, G. C. **Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra:** um estudo da reflexão agrária. Estudos avançados: São Paulo, 1985. p. 35-45.
- ELIAS, D. **Globalização e agricultura.** São Paulo: Edusp, 2003. p. 22-38.
- FAO/INCRA, **Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável:** resumo do relatório final do projeto UTF/BRA/036. 2. versão, 1996.
- FERREIRA, D. F. **A análise das transformações recentes na agricultura da região sudeste de Goiás 1970/1995-96.** 2001. 121 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.
- FERREIRA, A. B. de H. **MiniAurélio:** o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 35-48.
- GRAZIANO NETO, F. **Questão agrária e ecologia:** crítica da moderna agricultura. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 22-34.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 1990 a 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/sepin>>. Acesso em: 03/10/2007.
- INOCÊNCIO, M. E. **O território do PRODECER no Sudeste Goiano:** projeto de colonização Paineiras. Rev. Mediação, Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Pires do Rio/GO. Pires do Rio: Gráfica Pires do Rio, v. 1, n. 1, p. 112-134, 2006.
- KAUTSKY, K. **A questão agrária.** Tradução de C. Iperoiç. 3. ed. São Paulo: Proposta editorial, 1980. v. 1. p.122-28.
- LACERDA JÚNIOR, B. de. **Modernização da agricultura e transformações no espaço rural e urbano de Rio Verde-GO.** 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2004.
- LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar:** comparação internacional. Tradução de A. M. N. Tijiwa. Campinas: Unicamp, 1993, v. 1 (Coleção Repertórios).
- LEMES, K. da C. **Uso da representação gráfica para identificar a modernização do campo no município de Orizona-GO.** 2007. 114 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Pires do Rio, Pires do Rio, 2007.
- LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução. São Paulo: EDUC, 2004. (Série Trilhas).
- MATOS, P. F. **O meio técnico-científico-informacional e a (re) organização do espaço agrário em Catalão (GO) 1980 a 2004.** 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.
- MARTINELLI, G. **Fases e faces da modernização agrícola brasileira.** Planejamento e Políticas Públicas. Brasília, 1990. p. 20-24.
- MARTINS, I. D. M. **De grão em grão:** dois terços da área do Cerrado já estão afetados, mas ainda é possível preservar. Disponível em: <<http://www.webspawner.com>>. Acesso em 09 nov. 2007.

MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial**: do complexo à organização “em rede”. São Paulo: UNESP, 2000. p. 98-115.

MEDEIROS, S. A. F. de. Agricultura moderna e as demandas ambientais: o caso da soja nos Cerrados. In: DUARTE, L. M. G.; BRAGA, M. L. de S. (Org.). **Tristes Cerrados**. Brasília: Paralelo 15, 1998. v. 1.

MESQUITA, O. V. Agricultura. In: **IBGE Geografia do Brasil**: região Centro-oeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. Não paginado.

MENDES, E. P. P. **A produção familiar em Catalão (GO)**: a Comunidade Coqueiro. 2001. 220 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia, 2001.

MENDES, E. de P. P. **A produção rural familiar em Goiás**: as comunidades rurais no município de Catalão (GO). 294 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

MENDES, E. P. P. Identidades sociais e suas representações territoriais; as comunidades rurais no Município de Catalão (GO). In: ALMEIDA, M. G.; BRAGA, H. C.; CHAVEIRO, E. F. (Org.). **Geografia e cultura**: a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia: Vieira, 2008. 313 p.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 458 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Tradução de M. J. da S. Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOREYRA, S. P. **Não existe mais o agrário tradicional**. Goiânia; UFG, 2000. p. 20-24.

OLIVEIRA, A. U. de. Agricultura brasileira: transformações recentes. In: ROSS, J. L. S. (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: USP, 1998. p. 239-283.

OLIVEIRA, A. U. de. A geografia agrária e as transformações recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. (Org.). **Novos caminhos para a geografia**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 112– 115.

OTTOBELI, D. **Modernização agrícola e as transformações socioespaciais de Caldas Novas-GO**. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia (MG), 2005.

PEIXINHO, D. M. A ocupação recente dos cerrados. In: **ANAIS DO EREGEO - Encontro Regional de Geografia/Centro-oeste**. Quirinópolis: UEG, 2001. p. 45-52.

PEREIRA NETO, O. **Orizona em Prosa e Verso 2002**: homenagem à “Cici Pinheiro” /Floracy Alves Pinheiro... João Pereira de Almeida. (Coord.). Brasília: Gráfica Distrital, 2002. v. 1.

PIRES, M. O. A trajetória do conceito de desenvolvimento sustentável na transição paradigmática. In: DUARTE, L. M. G; BRAGA, M. L.de S. (Org.). **Tristes Cerrados**. Brasília: Paralelo 15, 1998. v. 1.

PRADO JUNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 27 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 9-130.

- ROMERO, J. I. **Questão Agrária** – Latifúndio ou Agricultura familiar. A produção familiar no Mundo Globalizado. São Paulo: Moderna, 1998. 95 p.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997. p. 72-85.
- SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 20-35.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988. p. 45-50.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 130-138.
- SEABRA, G. F. **Fundamentos e perspectivas da geografia**. João Pessoa: UFPB, 1997. 106 p.
- SE LIGA. **Para quem enxerga longe a oportunidade está perto**. Governo Itinerante: Secretaria de Indústria e Comércio e Secretária da Educação. Governo de Goiás, 2001. Não paginado.
- SEPLAN-GO. **Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento. Censo 2005**. Disponível em: <<http://seplan-go.gov.br/sepim>>. Acesso em: 03 out. 2007.
- SILVA, M. A. **A modernização da agricultura e os desafios dos pequenos produtores da Região de Firmeza - Orizona (GO)**. 2005. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Pires do Rio, Pires do Rio, 2005.
- SOUZA, S. de F. P. O. **Agricultura familiar no Taquaral - Orizona (GO) frente aos desafios da modernização da agricultura**. 2005. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -. Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Pires do Rio, Pires do Rio, 2005.
- UZUNIAN, A.; FRANCO, J. M. V. **Cerrado brasileiro**. São Paulo: Harbra, 2004. v. 1.
- VENÂNCIO, M. **Território de Esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos no município de Catalão (GO)**. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2000. p. 21-56.